

Introdução

O presente texto é resultado da pesquisa realizada nos anos 2004 a 2008, no Doutorado em Educação, intitulada “*Enraizamento de esperança*”: *as bases teóricas do Movimento de Educação de Base em Goiás* (MEB-GO). Nela se buscou compreender os fundamentos teórico-filosóficos advindos de autores, movimentos sociais e de educação popular e/ou experiências nacionais e internacionais, que influenciaram e subsidiaram a Equipe Central (coordenadores e supervisores) e monitores/líderes do Movimento de Educação de Base em Goiás, na construção da prática político-pedagógica desenvolvida com os trabalhadores rurais, no período de 1961 a 1966.

Trata-se de um estudo de caso construído com base na revisão da literatura relacionada ao tema; na análise de fontes orais e escritas que recuperam histórias de vida e atuação daqueles que construíram os movimentos de educação popular. Utilizamos técnicas de pesquisa etnográfica tais como: entrevistas com pessoas que participaram na equipe central e educadores populares do MEB-GO e da Coordenação Nacional do MEB, da Ação Popular (AP) e Centro Popular de Cultura de Goiás (CPC-GO); narrativas orais e escritas colhidas com depoimentos de história de vida, acontecimentos marcantes, influências recebidas, referenciais teóricos, prática político-pedagógica; com vistas a apreender a partir do olhar sobre o passado, a sua cotidianidade, a sua inteireza, reconstruindo-o no presente, restituindo à história seu verdadeiro movimento, ouvindo nela o povo em sua concretude.

Como aporte para a construção deste campo metodológico, apropriamo-nos de conhecimentos do campo da história oral - Simson (2000), Pollak (1989) e Halbwachs (2004). Confrontamos as informações obtidas com outras fontes e documentos com uso de procedimentos analíticos que permitissem dialogar com os documentos, descortinando relações e o cotidiano: que configuraram-se em sinais, representações e marcas sobre o passado vivido e com os quais se (re)constrói o conhecimento.

Goiás possui uma rica história, empreendida pelos movimentos populares de educação de adultos (EDA), na década de 1960. Apesar de registrada, seus dados estão dispersos, por fazer parte de memórias marginais: quer seja pelas circunstâncias

históricas da ditadura militar que provocaram a ausência, ocultação e/ou apagamento de registros, restringindo a pessoas, o conhecimento de fatos importantes, gerando um vácuo no passado cultural; quer seja pelo espaço marginal que a educação de jovens e adultos (EJA) ocupa no processo educacional, especialmente aquela voltada para o meio rural.

Movimento de Educação de Base em Goiás

O MEB foi instituído e organizado em 1961, sob a responsabilidade do Episcopado Brasileiro, através de sua entidade representativa, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), e prestigiado no Governo Jânio Quadros por meio de um convênio assinado entre a Igreja Católica e o Governo Federal que possibilitou a liberação de recursos para “[...] ministrar educação de base às populações das áreas subdesenvolvidas do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país, através de programas radiofônicos especiais com recepção organizada” (MEB, 1961a, p. 01), cujo objetivo da educação de base era: “[...] servir de auxílio aos homens para que estes compreendam os seus problemas vitais, obtenham conhecimentos para que possam resolver tais problemas por seus próprios meios” (MEB, [1962a], p. 02). O MEB teve uma presença significativa no Estado de Goiás, por meio do MEB-GO. Nesse período, com a maioria da população vivendo no meio rural, ele direcionou sua ação educativa para atender aos adultos analfabetos, especialmente o trabalhador rural.

No Movimento atuavam representantes do clero e leigos advindos da militância da Igreja Católica – principalmente da JUC –, por meio de aulas radiofônicas transmitidas pela Rádio Difusora de Goiânia. O rádio exercia um fascínio em Goiás, nos anos 1960, e teve um papel social relevante no processo educativo dos camponeses do Estado, sendo um instrumento recriado pela equipe do MEB-GO, incluindo, entre outros recursos metodológicos, desde peças de teatro, músicas, crônicas, mensagens, avisos, recados, convites, até a animação popular, com cantorias das Folias de Santos Reis advindas de vários municípios, etc.

Inicialmente os objetivos do MEB, e nele o MEB-GO, estavam pautados na concepção de educação de base veiculada pela Unesco, na concepção de humanismo integral, abordada por Jacques Maritain (1962) – que buscava superar a visão materialista da formação do homem em todas as dimensões: cultural, social, política, religiosa, moral, visando a constituição de uma civilização mais humana, com responsabilidade e consciência da realidade social – e ainda próximos da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA).

O início das atividades das Escolas Radiofônicas (EERR) em Goiás, através do Sistema Educativo Tele-Radiofônico de Goiás (Setergo), deu-se por iniciativa de D. Fernando Gomes dos Santos, Arcebispo de Goiânia, que participara dos encontros dos bispos no Nordeste, e conhecera as experiências ali desenvolvidas impressionando-se com elas. Ao retornar à Goiânia, após o II Encontro dos Bispos do Nordeste, ele enviou, em 1960, duas pessoas para verem e aprenderem o trabalho realizado em Aracaju, no decorrer do I Seminário de Educação de Base, promovido pela Renec, as quais realizaram uma visita à Escola Radiofônica (ER), considerando-a maravilhosa.

Ao retornarem, organizaram o primeiro treinamento de supervisores para implantação do Setergo, com duração de três dias, forte orientação psicológica e utilizando-se de técnicas de organização de grupos, além de abordar sobre: planejamento usando métodos ativos; instrumentalização da alfabetização; a diferença de ensino autoritário, de aliciar, manusear e conduzir o processo sem manipular, com ênfase no não-diretívismo; as técnicas da Ação Católica Brasileira (ACB) de equipes de estudo, assembléias, reuniões de estudo e trabalho; as adaptações do método ver, julgar e agir e suas operações mentais; informações detalhadas sobre as EERR e seus programas, que casavam o Programa do Departamento Nacional de Endemias Rurais (DENERu)/Serviço Social Rural e a alfabetização.

A aula inaugural do Setergo foi realizada em 14 de março de 1961, antes mesmo da assinatura do convênio da CNBB com o Governo Federal em apoio ao MEB. Vários Estados do país, entre eles Goiás, já realizavam experiências de rádio educação por meio das EERR, sob a coordenação do Sistema Rádio Educativo Nacional (Sirena) em colaboração com a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), em convênio com as dioceses e pensava-se que os trabalhos seriam regionalizados, com sistemas independentes em cada diocese, mesmo mantendo-se as trocas de experiências. Com a Coordenação Nacional do MEB se englobou os sistemas existentes e criou novos.

Nos anos iniciais das EERR até 1962, a ênfase era no ensinar a ler e escrever/escolarização com aulas de português, matemática, educação sanitária, alfabetização, economia doméstica, organização comunitária, orientação agrícola, educação cívica e religiosa, numa perspectiva culturalista de integração social, dentro do ideário de educação de base da Unesco. Nesse período a Equipe Central realizava estudos e leituras de Maritain (1962), Mounier (1971), Lebert (1959, 1963, 1966) e Congar (1966), advindas direta ou indiretamente da JUC, por meio de Sebastiana Bittencourt e de Aparecida Siqueira, que apontavam o olhar para os problemas

vivenciados na realidade dos trabalhadores rurais (utilizando-se do método ver-julgar-agir, na perspectiva do Evangelho), para entrelaçar o temporal ao sobrenatural, mas a Equipe não conseguiu proporcionar a concretização desta perspectiva, apesar de diagnosticar a realidade de extrema pobreza e exploração em que viviam os trabalhadores rurais, o trabalho empreendido nas aulas veiculadas e o material didático (Radiocartilha e o 1º livro de leitura “Brasília”) utilizado era desvinculado da realidade goiana e do adulto, e a ela se superpunha com um conteúdo tradicional.

Com as orientações e subsídios da Coordenação do MEB, especialmente a partir de 1962, a Equipe Central passou a realizar estudos contínuos: o que perpassava desde treinamentos; encontros; dias de estudos; trocas com outros sistemas estaduais, cartas com orientações; textos; boletins informativos etc.

Da observação da realidade vivida pelos trabalhadores rurais e confronto com as leituras realizadas adveio a descoberta de que com o povo aprendiam. E o Encontro Nacional de Coordenadores, de 1962, considerado o divisor de águas, representou o ponto de chegada da equipe, ao possibilitar explicitar as questões e angústias vivenciadas no MEB, ao mesmo tempo em que possibilitou tomar definições comuns diante das idéias que estavam sendo fermentadas, considerando a realidade do trabalhador rural. Nele foram discutidos os temas realidade brasileira, cultura/cultura popular, ideologia, conscientização e politização; e realizada a revisão crítica dos objetivos, métodos e técnicas do MEB frente à realidade social – como estava e como deveria ser. Deu-se então a opção pela conscientização, sendo redefinidos: o conceito de educação de base, os objetivos do Movimento e delineado um plano de ação. Os novos objetivos passaram a ser:

1º- Alfabetização e iniciação em conhecimentos que se traduzam no comportamento prático de cada homem e da comunidade, no que se refere: à saúde e à alimentação (higiene); ao modo de viver (habitação, família, comunidade); às relações com os semelhantes (associativismo); ao trabalho (informação profissional); ao crescimento espiritual.

2º - Conscientização do povo, levando-o a: descobrir o valor próprio de cada homem; despertar para os seus próprios problemas e provocar uma mudança de situação; buscar soluções, caminhando por seus próprios pés; assumir responsabilidades no soerguimento de suas comunidades.

3º- Animação dos grupos de representação, promoção e pressão.

4º- Valorização da cultura popular, pesquisando, aproveitando e divulgando as riquezas culturais próprias do povo (MEB, 1962c, p. 01).

O MEB-GO viveu esse processo intensamente com uma nova postura teórico-prática que interferiu sobremaneira no trabalho político e didático-pedagógico que se concretizou a partir de 1963, expressa tanto no segundo treinamento de Equipe

Central em Goiás, como no curso de treinamento de monitores, no Congresso de Monitores e na prática do Movimento. O treinamento para ampliação da Equipe Central do MEB-GO e o curso para os monitores:

[...] foi um treinamento de sacudir as estruturas, porque foi aquele banho de realidade brasileira, [...] que abriu a cabeça da gente [...] de que isso era uma coisa que tinha de ser feito pelo povo, que tinha de partir deles [...]. E aí que a gente sacou que [...]: eles saberiam dizer quais eram as necessidades deles e não a gente dizer quais eram as necessidades deles e tentar levar soluções; eles é que tinham que descobrir suas próprias necessidades, descobrir como fazer pra suprir essas necessidades, e aí poderiam ir até às últimas conseqüências, porque iam descobrir quais as causas que os estavam levando a serem assim tão pobres, tão necessitados, tão injustiçados (Maria Alice, entrevista, 12/06/2006).

Nesses cursos houve o trabalho sobre o estudo de área, objetivando orientar o conhecimento das comunidades existentes, com vistas a um planejamento do trabalho pedagógico que favorecesse o processo de conscientização pelo povo, da realidade social em que se inseriam, analisando-a criticamente, para propor soluções aos problemas existentes. Outros aspectos importantes eram os critérios e procedimentos para a localização da ER e de seleção do monitor; o treinamento de monitores; a instalação das EERR; a produção e emissão das aulas e programas radiofônicos, a supervisão e os trabalhos complementares às EERR (politização, sindicalismo, caravanas/animação popular, clubes e núcleos comunitários, etc.); planejamento das atividades da Equipe Central e dos monitores.

A partir de 1963 compunha a Equipe Central do MEB-GO uma coordenadora e 15 professoras supervisoras, além da equipe de apoio. Articulando-se ao MEB havia a equipe de Sindicalismo Rural, ICP/Cerne-GO, CPC-GO, e AP que auxiliavam nas atividades culturais, Encontros, debates, locuções etc. A maioria dos membros da Equipe Central do MEB-GO era da JUC, ou dela havia participado, o que confirma a pesquisa de Kadt (2003). Além disso, esse envolvimento, especialmente nos casos daqueles advindos da JEC e especialmente da JUC, tomava como evidência a postura e idéias mais progressistas e, às vezes, radicais. É importante destacar que os membros do MEB-GO acreditavam numa possibilidade de mudança do Brasil, de condições de vida melhor para todos, e que poderiam contribuir para tal.

Os monitores das escolas radiofônicas do MEB-GO coordenavam as atividades nos núcleos de recepção, exerciam alguma liderança na comunidade, realizavam o trabalho voluntariamente e em sua maioria tinha pouca escolarização. Inicialmente eram indicados pelos padres e posteriormente passaram a ser escolhidos

pela própria comunidade. Os monitores com mais experiência, a partir de 1963, atuaram no planejamento interno das atividades do MEB-GO desde a organização do Comitê Local enquanto parte da Campanha de Alfabetização, para que ocorresse a instalação e reorganização das EERR; no treinamento para novos monitores, proporcionando a troca de experiências e a mobilização das comunidades e, com uma linguagem mais próxima, favorecia que as dúvidas, interesses, necessidades quanto ao processo ensino-aprendizagem se explicitassem e pudessem ser trabalhados.

A Campanha de Alfabetização foi realizada em parceria com a JUC, CPC-UEE/UNE e ICP que participaram da produção e montagem de peças de teatro, resgate das raízes culturais, seleção e composição de músicas para abertura e fundo musical dos programas e uma pesquisa sobre o número de analfabetos acima de quatorze anos em cada residência, cujos fins eram: obter o grau de analfabetismo e aceitação da ER na região atingida pelas EERR e despertar monitores e lideranças para o problema do analfabetismo. Foram produzidas as músicas *Vamos estudar*, de José e Parcial M. Coelho; e também o “[...] tema de abertura das aulas [que] era composição da Betinha, com interpretação dos monitores da Fazenda Serrinha: Oscavú, Parcial e José Moreira” (Alda, entrevista, 20/09/2006), a qual passou a ser denominada Hino do Monitor, sendo que estas músicas foram utilizadas no decorrer da Campanha e em todos os programas.

O envolvimento dos monitores, alunos e da Equipe Central do MEB-GO nos cursos, comitês, campanhas, aulas radiofônicas, supervisão-encontro, programas radiofônicos especiais de conscientização como o *Programa de Sábado*, que se desdobrou em *Encontro com o Monitor* e em *Encontro com a Comunidade*, posteriormente denominado *A Comunidade se Reúne*, e mais tarde no Programa *Nosso Mutirão* possibilitou a reestruturação da metodologia de trabalho até então utilizada no Movimento, resultou em maior contato e desenvolvimento de atividades com toda a comunidade, e “[...] uma melhor frequência dos alunos, mais animação dos monitores e interesse da comunidade em torno da escola” (MEB-GO, jul./1963, p. 08).

O trabalho de *Animação Popular (AnPo)*, realizado por meio dos *Encontros com a Comunidade*, que eram encontros com a duração de um dia na sede do município, envolvendo as EERR daquela localidade e/ou de municípios vizinhos, tinha inicialmente os mesmos objetivos da *supervisão-encontro*, ampliando o foco para além da escola, estabelecendo contato com toda a comunidade, fazendo a revisão coletiva do trabalho realizado e a coleta de opiniões/sugestões de planejamento conjunto, oportunizando o processo de conscientização e mobilização da comunidade frente aos

seus próprios problemas, bem como o interesse da comunidade pelas EERR. A partir de meados de 1963, a Equipe reestruturou os Encontros em o *Encontro chama-atenção* – para dar início a novos trabalhos, reavivar e/ou retomar os trabalhos com a ER, especialmente após o Golpe de 1964, com vistas a estreitar conhecimentos das comunidades; levantar a possibilidade e tipo de trabalho inicial, os recursos da escola, para animação e possíveis experiências comunitárias, a localização de possíveis animadores locais; e finalmente a radicação de escola – e o *encontro de fortalecimento do trabalho*, cujos objetivos eram: o fortalecer o trabalho realizado; a continuidade da ER através das possibilidades do lugar; a descoberta, formação e engajamento de líderes de animação das comunidades; promover reuniões com pessoas do lugar, envolvendo-as no trabalho e na radicação de escolas. Estes encontros advinham da solicitação da comunidade, e eram motivados por meio do *Programa de Sábado*.

Com a AnPo, a própria metodologia adotada pelo MEB-GO (os encontros, aulas e programas complementares e o trabalho realizado pelos monitores junto aos trabalhadores rurais) favorecia a análise e reflexão permanente de monitores/líderes, alunos e demais pessoas da comunidade sobre a realidade social em que estavam inseridos, proporcionando a conscientização do papel individual e coletivo dos cidadãos na transformação da sociedade.

Em dezembro de 1963 o MEB-GO realizou o Congresso Estadual de Monitores, logo após terem participado do 1º Encontro de Trabalhadores Rurais de Goiás, divergindo claramente e não se conformando com a forma como grupos, partidos e movimentos marxistas atuavam com os trabalhadores rurais na condução das lutas camponesas, e tomou para si a responsabilidade de se contrapor ao processo de massificação dos camponeses, definindo suas posições políticas diante deste processo de mobilização, assumindo a responsabilidade histórica da condução das lutas e pela hegemonia, juntamente com os trabalhadores, rumo à revolução, por meio da organização consciente do povo, pois compreendiam o processo educativo ser em si um ato político, assim como o processo político também ser um ato educativo, e que sua ação não podia separar as duas coisas, aproximando-se cada vez mais do Setor de Sindicalismo. Nesse sentido, o *Congresso* de Monitores foi organizado de forma a contemplar, além dos trabalhadores rurais do Movimento – monitores/líderes, representantes de alunos, membros dos diversos sindicatos rurais já existentes e autoridades, bem como apresentação de teses, comissões, discussão de assuntos ligados

à realidade brasileira: problema agrário, analfabetismo, conscientização, valores do homem, direitos, cultura, educação de base, instrumentos de ação etc.

No período pós 1964, em pleno período de repressão política, crise e acirramento de posições, as dificuldades pelas quais a Equipe Central em Goiás passava, inclusive com a diminuição dos quadros e a difícil situação financeira do MEB (com cortes e retenção das verbas), se refletiram na possibilidade de supervisão, contato e acompanhamento aos trabalhos nas comunidades; na falta de material; na falta de condições para que encontros e reuniões ocorressem. Mas, a necessidade de continuar o trabalho levou a Equipe Central a recriar o processo de alfabetização e a construir um material didático próprio, adequado à especificidade local, interesses e necessidades dos sujeitos da EDA, que favorecesse o trabalho didático-pedagógico dos monitores, e fosse coerente com os princípios do MEB-GO, o *Conjunto Didático Benedito e Jovelina*.

Na construção do material didático a *pesquisa do universo vocabular* perpassou a escuta, no meio rural, pela supervisão, do jeito de pensar e agir, valores, esperanças, dúvidas, preocupações, crenças, o modo de falar, ver e compreender a realidade, como era feito o trabalho com a terra, o calendário agrícola, as Folias de Reis, as músicas, os casos, a condição e o cotidiano dos camponeses: monitores, alunos e demais membros das comunidades atingidas pelo MEB-GO, tanto na vida familiar como no trabalho, nas festas e demais relações estabelecidas. A Equipe se preocupou em colher, anotar, registrar e gravar palavras, frases, formas de expressão, nas visitas à comunidade, nas aulas da ER, nas reuniões de trabalho ou festivas, enfim, nos diversos ambientes/espços de vivência da comunidade, por meio de conversas sobre a vida e casos ocorridos; diálogos que se estabeleciam no trabalho; à medida que a locução promovia o debate, instigava com perguntas para as aulas ocorrerem etc., falas que contêm em si o mundo na visão dos pesquisados, seu pensamento-linguagem, dos quais seriam extraídos os temas geradores expressos através das palavras geradoras (expressões e textos). Palavras que, na medida em que fossem analisadas, recriariam o mundo vivido pelos educandos e educadores, sobre a qual se debruçariam para ler a palavra e a realidade social onde esta se inseria, a vida, analisando-a criticamente.

A Equipe do MEB-GO recriou a proposta de Paulo Freire, desenvolveu a pesquisa em várias comunidades e selecionou entre as palavras e frases obtidas, aquelas que, respeitando os critérios apresentados pelo Sistema Paulo Freire – riqueza fonêmica, envolver as dificuldades fonéticas da língua portuguesa, ter densidade pragmática de sentido – fossem também as mais comuns nas várias comunidades pesquisadas. Diante

da pesquisa e análise, foram escolhidas as palavras: Benedito, Jovelina, mata, fogo, sapato, casa, enxada, roçado, bicicleta, trabalho, bezerro, máquina, safra, armazém, assinatura, produção, farinha e estrada, as quais eram consideradas pela Equipe como grávidas de sentido e significado, relacionados às questões da vida, do trabalho, do cotidiano existencial dos trabalhadores rurais daquele contexto. A ordem das palavras no material didático seguia de perto a seqüência de um ciclo produtivo do trabalho agrícola em Goiás, retratando a história de vida de uma família camponesa, de forma que os alunos pudessem fazer a correlação entre o seu trabalho e as etapas do processo de alfabetização.

A cada duas ou três palavras geradoras, representativas da história de vida dos personagens, havia um texto síntese. Assim, após trabalhar as palavras Benedito e Jovelina, o texto falava da vida deles, da sua lida diária e de como um ajudava o outro na labuta; após mata e fogo, o texto síntese referia-se à relação do homem com a natureza; depois de sapato, casa e enxada, o texto abordava as condições de vida – sendo frases como “*O sapato de Jovelina acabou*” e “*Ela lida na casa de sapé*”, fazendo referência às necessidades básicas dos trabalhadores que nem sempre podiam ser atendidas, ainda que naquele contexto histórico o material didático não pudesse explicitar tão claramente a questão.

Na seqüência aparecia a chuva, roçado e bicicleta, cujo texto síntese dizia respeito ao preparo da terra com a enxada, e como Benedito chegava ao trabalho; logo em seguida às palavras trabalho e bezerro, o texto síntese abordava a dureza do trabalho no meio rural, seja na lavoura, seja na lida com os animais; depois de máquina e safra, o texto síntese trazia a idéia de que, com a máquina, o produtor rural teria condições de ter uma colheita e safra melhor, e indagava ao final: “*Benedito tem máquina?*”, fazendo referência à realidade dos trabalhadores rurais (meeiros, arrendatários, pequenos agricultores) daquele período; após as palavras armazém, assinatura e produção, o texto síntese abordava a necessidade de estocar a produção e a assinatura do contrato para tal; na seqüência às palavras geradoras farinha e estrada, o texto falava do comércio da produção obtida por Benedito e Jovelina – inclusive da farinha por ela torrada –, e ainda abordava as péssimas condições das estradas; e, ao final do material didático, havia também textos com os temas: o trabalho, a feira, a máquina, direitos do homem, o homem e Deus.

A crítica às cartilhas, a compreensão didático-pedagógica, político-filosófica e psicológica que norteou a construção do material didático do MEB-GO, que naquele

período incluía tanto os *cartazes* (da gravura, da ficha de reconhecimento, das famílias e de descoberta) a serem trabalhadas pelo monitor com os alunos, *as folhas-fichas resumo* a serem utilizados pelos educandos e o *Roteiro para o monitor*, levaram a Equipe a optar por denominá-lo de *Conjunto Didático Benedito e Jovelina*. Este material traduzia, entre outros aspectos, as inovações da época, a experiência no MEB e os novos estudos e experiências advindos dos movimentos de Educação Popular. Este foi sem dúvida um material didático que, por considerar a especificidade da população por ele atendida, os adultos trabalhadores do meio rural, e pela perspectiva teórica e didático-pedagógica utilizada, possibilitou inclusive recriar o processo de alfabetização realizado por Paulo Freire.

Em 1966, a Equipe Central de Goiás enviou uma carta ao MEB Nacional informando da impossibilidade de: diante da repressão (prisões de membros da Equipe Central e monitores, com posterior exílio), da falta de recursos e de apoio de setores da Igreja, continuarem desenvolvendo os trabalhos.

Principais influências no MEB-GO

Na década de 1960, diante do chamamento do Estado, frente à mobilização nacional contra o analfabetismo, a população respondeu atuando nos movimentos sociais, e neles nos movimentos de Educação Popular como o MEB-GO, dentre outros contando inclusive com a contribuição de estudantes e profissionais de reconhecida formação e competência. Contudo, segundo Aída Bezerra:

[...] a ação dessas entidades no campo da educação e da cultura popular tinha [...] certo sabor experimental.[...] as solicitações para uma educação popular [...] tinham cores políticas e ideológicas muito nítidas, além de um caráter de urgência (pois pairava uma ameaça no ar). Daí porque as atividades que eram desenvolvidas pareciam ter ritmo de campanhas [...] tendiam a uma atuação de massa, de cunho sensibilizatório e mobilizatório. Nessa perspectiva ninguém contava com uma experiência acumulada que oferecesse relativa segurança para [...] uma estratégia de atuação adequada às novas solicitações. Todos lidavam com pressupostos teóricos, e era a partir do nível das idéias que os programas eram lançados (1980, p. 24).

Pressupostos teóricos estes que no caso do MEB-GO, tiveram forte influência de outros movimentos (UNE, MCP, JUC e AP), experiências (de Natal, Aracaju, e de outros Estados que atuavam com o MEB) e de autores nacionais e internacionais, como no caso: das Encíclicas Sociais *Mater e Magistra*, *Pacem in Terris*

e *Rerum Novarum*, que contribuíram entre outros aspectos, com a perspectiva de socialização, o direcionar do olhar para a realidade do 3º mundo e a necessidade de a Igreja dialogar com o mundo moderno; de autores como Maritain, Mounier, Lebreton, Chardin, Pe. Vaz, Landin, Freire, entre outros.

Inicialmente o MEB-GO, pautado no conceito de educação de base culturalista que originalmente era de integração social, centrava-se na tradição da alfabetização por meio das escolas radiofônicas, mas a partir de 1963 transformou-se em instrumento de contestação, permeado pela participação popular, cujo ensino vinculava-se à problemática local vivida por alunos e educadores populares. Aos poucos, por meio de assessorias/madrinhas e o contato de membros da Equipe com a JUC, ACB, CPC-GO e MEB-Nacional, passou a receber influências de autores internacionais como: Maritain (1962) que conduziu inicialmente a uma concepção de ideal histórico; Mounier (1964, 1971), Congar (1966), Pe. Lebreton (1959, 1963, 1966) e intelectuais brasileiros, que, a partir do humanismo integral e personalismo, proporcionaram direcionar um incipiente olhar para a realidade do povo oprimido, a realidade de país subdesenvolvido, a necessidade de promoção das massas populares e a luta pelas reformas de base.

Vários aspectos possibilitaram à Equipe do MEB-GO partir de sua referência imediata à escolarização para uma educação permeada pela participação popular, além dos muros da ER, entre eles o Encontro Nacional de Coordenadores; a entrada de novos integrantes na Equipe Central; a articulação com outros movimentos sociais, de educação e cultura popular (como a JUC, CPC-GO/ ICP-GO, UNE, Sindicalismo Rural, AP); as leituras, estudos e reflexões a partir de autores como Chardin (1978), Pe. Vaz (1962, 1963), Raul Landin Filho (1963) e Paulo Freire ([1962], 1963) entre outros; que levaram à perspectiva de consciência histórica, passando posteriormente à consciência crítica com politização, com foco no processo político-pedagógico como instrumento de luta pela transformação social.

Por outro lado o acesso a estes referenciais não era comum entre os integrantes do MEB/Goiás e, desde sua origem, o Movimento continha na própria constituição interna/externa o conflito entre aqueles que o viam com um caráter educativo-evangelizador e aqueles que se posicionavam vendo-o como espaço educativo para a transformação das estruturas da sociedade brasileira. Vivendo este conflito, o MEB-GO direcionou o seu fazer-pensar para a segunda perspectiva, sendo permeado pelo profundo respeito ao povo, à pessoa humana, o que lhe possibilitou experiências de

estar com o povo, de ouvir o outro, dialogar com ele, sendo sensível ao povo, aos seus interesses e necessidades, de forma a contribuir com a possibilidade de transformação da realidade, na luta por uma vida melhor.

Naquele período, uma característica comum dos movimentos foi a luta contra o tempo, sendo um dos aspectos que mais chamava a atenção, por exemplo, no Sistema Paulo Freire, o número recorde de horas que utilizava para conseguir alfabetizar, articulando o ato de ler e escrever à leitura da realidade e do mundo, numa perspectiva crítica. Do MEB destacava-se a força do argumento, do número de escolas radiofônicas que conseguira implantar em tão curto espaço de tempo e da sua imensa capacidade de expansão, atingindo as zonas rurais, com uma prática político-pedagógica, inclusive em Goiás, a partir de 1963, que considerava os interesses e necessidades de adultos trabalhadores rurais. E, se o MEB-GO tinha pressa em desenvolver seu trabalho político-pedagógico, a história veio nos mostrar que ele tinha razão, já que à classe dominante não interessava a transformação das estruturas sócio-político-econômicas a favor da classe popular, silenciando as experiências e se rearticulando com o Golpe de 1964.

Considerações finais

Ao reelaborar sua prática pedagógica, o MEB-GO fez uso do método ver-julgar-agir, demonstrando que, como profissionais, precisavam buscar cotidianamente, através da reflexão na e sobre a prática, a (re)construção do seu fazer-pensar. Assim, na constituição de sua práxis pedagógica, discutiam, refletiam, avaliavam, reviam sua atuação por meio de reuniões pedagógicas, estudos, trocas de experiências, cursos. Deste modo, os profissionais a partir de 1963, não estabeleceram apenas uma adequação do que se trabalhava com crianças e adolescentes para a EDA, mas (re)criaram uma práxis para a educação de adultos trabalhadores do meio rural.

Para garantir a coesão institucional e dar unidade ao Movimento, havia uma preocupação tanto do MEB Nacional de acompanhar e auxiliar as equipes estaduais, quanto do MEB-GO com relação aos monitores e líderes. E, enquanto órgãos coordenadores, em âmbito nacional e local, propiciava-lhes o acesso à fundamentação teórico-prática, oferecendo subsídio às pessoas que atuavam no processo educativo, por meio de textos, indicações bibliográficas, formação continuada permanente, numa linha de pedagogia para a transformação social, o que lhes possibilitaram um avanço sócio-histórico, cultural, político e educacional. Mas esta preocupação com a formação não

era apenas institucional, era também pessoal: havia professores da Equipe Central e monitores/líderes (ainda que não fossem todos) que buscavam apropriar-se de leituras outras; eram militantes em outros movimentos; participavam de discussões, encontros, reuniões, etc.; participavam de atividades culturais (vendo e discutindo filmes, assistindo/encenando peças de teatro; entre outras) para além do que o MEB-GO ou Nacional lhes proporcionava, o que contribuía para elevação de sua formação, por meio do acesso a conhecimentos, práticas, vivências, formação política etc. Conseqüentemente isso facilitava a compreensão do referencial teórico-prático advindo do MEB e outros movimentos, mas também era objeto de contradições e conflitos no interior da Equipe.

Observamos ao longo da pesquisa que, na construção do seu fazer-pensar, a partir do método ver, julgar e agir, tanto as professoras da Equipe Central do MEB-GO, quanto os monitores (educadores populares) e líderes da comunidade, desenvolveram o exercício da ação-reflexão-ação enquanto grupo, elaborando um novo processo de relação com a educação, favorecendo-lhes conscientizarem-se, coletivamente, das suas práticas presentes e passadas, rumo a uma nova construção. No processo de reflexão sobre a prática pedagógica partiram da relação estabelecida com o aluno e a comunidade, comparando, analisando, observando, relacionando, generalizando, consultando colegas (inclusive da Coordenação Nacional), educadores de outras instituições/movimentos e estados, livros, textos, dentre outros, para (re)organizarem seu conhecimento sobre a prática e nela atuar em outro nível; o que não se fez num continuum linear, mas com idas e vindas, avanços, retrocessos, contradições.

Nesse sentido, a perspectiva de formação do homem, contribuindo cada vez mais para seu processo de humanização, na sua totalidade, foi objeto permanente de reflexão, estudo, (re)elaboração e ação do Movimento. E para isso foi fundamental o diálogo, com movimentos sociais e de educação popular (como JUC, AP, CPC, MCP, ICP, Sindicalismo Rural), os seus pares (em âmbito local, entre as coordenações estaduais e nacional) ou outros interlocutores. Isso possibilitava a apreensão das contribuições teóricas, a abertura para o diálogo com os sujeitos do processo educativo e a comunidade, enquanto escuta de si e do outro, criando espaço de convivência autêntica, de construção coletiva criadora, e superando a acomodação e a postura de serem espectadores e objetos. O objetivo era a passagem para a condição de sujeitos neste processo histórico social e de (re)construção de saberes.

No processo ensino-aprendizagem era fundamental o diálogo, que se assentava, entre outros, na concepção de Pe. Vaz, Landim e Freire. Este ocorria na medida em que tanto a Equipe Central, quanto o monitor/líder do MEB-GO acreditavam na sua concretização, e possibilitavam condições para que, no espaço da sala de aula e para além dele, se estabelecesse de forma efetiva a interação entre as pessoas.

O MEB-GO vivenciou a experiência de construção de um material didático, direcionado ao processo de alfabetização de adultos do meio rural, a partir da realidade deles, o Conjunto Didático Benedito e Jovelina; assim como o fizera em 1962 o CPC-GO com o Livro de Leitura para Adultos. Materiais didáticos que, construídos recriaram a proposta freireana e as experiências significativas dos Movimentos e, no caso do MEB, contou com a participação dos monitores e alunos desde o processo inicial, quando do levantamento das palavras e textos geradores nas visitas de supervisão e Encontros com a Comunidade, na adequação das imagens e problematização da realidade por meio dos textos. Palavras e textos que, relatando a vida de um casal do meio rural e o seu envolvimento na labuta diária no decorrer do processo de produção, em conformidade com o calendário agrícola, favoreciam a tomada de consciência da realidade em que se inseriam, a análise crítica da mesma e a organização dos trabalhadores rurais com vistas à luta por melhores condições de vida, ainda que no seio de um contexto histórico-social adverso como o pós-1964.

O MEB e outros movimentos de educação popular da época (MCP, CPC-GO, Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler etc.) demonstraram ser fundamental o envolvimento da sociedade civil, juntamente com o governo – a quem compete garantir o direito de todos à educação, formulando e viabilizando políticas públicas no âmbito educacional – na minimização do grave problema do analfabetismo do país para que o direito à educação se concretizasse.

E nesse processo houve avanços significativos construídos e vivenciados pelos atores dos movimentos sociais naquele período, contudo é importante ressaltar que estes movimentos não deram conta de tudo, inclusive por enfrentarem inúmeros desafios, entre eles o Golpe que se instalou em 1964, ceifando suas possibilidades de existência e ou tendo de se reorganizarem, não sem uma tentativa de resistência, como ocorreu com o MEB-GO até 1966. Mas ao trilhar os caminhos da esperança, cuja força estava nas pequenas coisas, modos de pensar, ser e fazer, que o CPC-GO e o MEB-GO construiu sua história – MEB que em âmbito nacional continuou com suas atividades até os dias atuais, mas teve de reformular-se – a qual deixou raízes, pois ainda que as

instituições passem, a esperança permanece viva.

Referência bibliográfica

- BEZERRA, Aída. As atividades em educação popular. In: *A questão política da educação popular*. 2ª ed. São Paulo, Sp: Brasiliense, 1980.
- CHARDIN, Pierre Teilhard de. *Mundo, homem e Deus*. [Trad. José Luiz Archanjo]. São Paulo, SP: Cultrix, 1978.
- CONGAR, Yves. *Os Leigos na Igreja – escalões para uma teologia do laicato*. São Paulo: Herder, 1966.
- FREIRE, PAULO. Conscientização e alfabetização, uma nova visão do processo. Recife, PE, [1962] (Brochura, 41p.).
- _____. Conscientização e alfabetização, uma nova visão do processo. In: *Revista de Estudos Universitários*. Recife, PE: Universidade do Recife (4), 1963, p. 05-24.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução: Lais Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.
- KADT, Emanuel de. *Católicos radicais no Brasil*. (Tradução de Maria Valentina Rezende e Maria Valéria Rezende). João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.
- LANDIM FILHO, Raul. *Educação e conscientização*. [Rio de Janeiro]: MEB, 1963. 5p. (Documentos de Estudo, mimeo.).
- LEBRET, Pe. L. J. *Princípios para a Ação*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1959.
- _____. *Manifesto por uma civilização solidária*. [trad.: CRUZ, Frei Benevenuto de Santa]. 4ª ed. São Paulo, SP: Livraria Duas Cidades, 1963.
- _____. *O drama do século XX: miséria, subdesenvolvimento, inconsciência, esperança*. (trad. Fr. Benevenuto da Santa Cruz e Fátima de Souza). 3ª ed. São Paulo, SP: Livraria Duas Cidades, 1966.
- MARITAIN, Jacques. *Humanismo Integral: uma visão nova da ordem cristã* (trad. Afrânio Coutinho). 4ª ed. São Paulo: Dominus, 1962.
- MEB. *Regulamento*. [Rio de Janeiro]: MEB, 1961a (mimeo.).
- _____. *Educação de Base*. [Rio de Janeiro]: MEB, [1962a]. 7 p. (mimeo.).
- _____. *1º Encontro Nacional de Coordenadores – conclusões/1*. Recife, 05 a 15 dez. 1962c. 26 p.
- MEB-GOIÁS. *MEB-Goiás: Relatório-Documento. Uma Experiência de Educação de Base*. Goiânia, GO: MEB-Goiás, jan. 1967. (mimeo.)
- _____. *Relatório do 1º semestre de 1963*. Goiania, GO, jul./1963. (mimeo.)
- MOUNIER, Emmanuel. *O Personalismo*. São Paulo, SP: Livraria Duas Cidades, 1964.
- _____. *O Compromisso da Fé*. São Paulo, SP: Duas Cidades, 1971.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3- 15.
- SIMSON, Olga Rodrigues de M. Von. Memória, Cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo docente de memória da UNICAMP. In: FARIA FILHO, Luciano M. de (Org.). *Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2000, p.63-74.
- VAZ, Henrique de Lima. *Uma reflexão sobre a ação e a ideologia*. Transcrição da exposição oral no Encontro de Fundação da AP. Belo Horizonte, MG, jun. 1962, s.n.t (mimeo.).
- _____. *Encontro de politizadores*. Aracaju, 23-31/julho/1963 (manuscrito).